

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 919	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOURINHO, 25 & 29
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3\$800	1\$900	6960	\$120	10 DE JULHO DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



MARECHAL DUQUE DE SALDANHA  
(Esculptura de Alberto Nunes, existente na Camara dos Pares)

## Chronica Occidental

Entrámos em julho semsaborão e entretanto não andamos por ora tão carecidos de assumpto que hajamos de dar tratos á phantasia para encher as columnas obrigatorias.

Por este tempo, o mais vulgar é a gente ir ao deposito das anedoctas e ver como ha de enfeitar alguma d'ellas, a mais decentesinha, para apresental a capazmente, como coisa que vem a proposito e lembra de repente, ao correr da penna.

O peor é que todas ellas estão usadas demais e no caso da capa conhecida d'um amigo meu, virada e revirada.

— Não m'a poderia pôr assim... de perfil? perguntava elle ao alfaiate.

Ah! se eu pudesse pôr de perfil as minhas anedoctas, ainda qualquer dia as vinha a dar em terceira edição!

Não seria agora, porém. Soldados de hoje, general de antes d'hontem, sem grande trabalho me forneceriam com que encher muitos tomos, quanto mais duas columnas do OCCIDENTE.

E' sempre com uma certa impressão que por essas ruas vimos desfilar, musica á frente, os bons, os leaes soldados, que para as nossas provincias ultramarinas, deixando paes, mães, noivas saudosas, partem com os corações cheios de fé, buscando o cumprimento d'um dever.

Mais uma vez, ha meia duzia de dias, se deu a scena commovente da despedida. Elles lá foram, sabe Deus para que trabalhos. No tombadilho do vapor ou subidos aos mastros acenavam com os lenços. Dois annos, talvez mais, de ausencia. E que mais, aos pobres velhos que choravam, hão de trazer de tão longe, afóra talvez um bocadinho de gloria? São os anonymos, hão de ser os esquecidos, como o foram os companheiros dos grandes generaes em tantos feitos gloriosos, os companheiros de Vasco de Gama, que inspiraram a Sousa Monteiro o seu auto.

São como o côro que se applaude e a gloria do protagonista espalha sobre elle os seus raios.

Ao Duque de Saldanha foi agora em Lisboa, na praça que tem o seu nome, inaugurado o monumento, cujo projecto é devido ao escultor Thomaz Costa.

Foi a primeira pedra lançada no dia 5 d'este mez. O sr. Antonio de Azevedo, presidente da Camara Municipal, leu a El-rei um pequeno discurso em que exaltava os merecimentos do Marechal. Respondeu-lhe El-rei, e logo depois foi lido o auto pelo sr. coronel Agostinho Maria Cardoso, secretario da commissão. O auto foi assignado por El-rei, ministros, vereadores da camara e representantes da familia do Duque, depois do que, foi encerrado n'um tubo e mettido com as solemnidades do estylo nas fundações do pedestal.

O Duque de Saldanha teve um dos nomes mais prestigiosos da historia de Portugal. Ainda nos ultimos tempos da sua vida, não houve homem mais querido no exercito e entre o povo. E' bem lembrarmos-nos das ovações que provocaram seus actos, até sua ultima aventura em 19 de maio de 1870.

Sympathico, insinuante, com uma tradição gloriosa e que não era possível morder, todos acolhia, todos escutava com bondade. Ninguem que a elle se chegasse, por pouco satisfeito que se retirasse com respeito ao pedido que o levára, deixava de vir encantado com elle.

Todos os jornaes de segunda feira fizeram o panegyrico do Marechal, contentar-me-hei aqui portanto com reeditar uma pequenina historia que talvez o Gervasio Lobato já contasse algum dia, e muito melhor, aos leitores do OCCIDENTE. Não sei; não o posso agora verificar. Era elle muito amigo do conde de Taverde, neto do Duque, e, quando este, depois de 19 de maio, foi nomeado presidente do conselho, o Gervasio pediu ao Taverde que visse se lhe arranjava um logarzinho de amanuense. Esperou pouco tempo e um dia o Duque mandou chamal-o. Foi com o coração a bater, cheio de esperança. Recebido optimamente, muito aperto de mão... O Gervasio radiante. E por fim:

— O seu pedido para amanuense, não pôde ser agora attendido; mas tenho coisa melhor. (O Gervasio ancioso). Quer o meu amigo ser visconde?

Era assim com todos, amabilissimo.

O Gervasio sahiu desconsolado, mas teve historia para contar, que o alegrou a vida inteira.

Poucos deixaram memorias, como o Duque de Saldanha, que andam na tradição oral, dizendo sen

prestigio, suas qualidades e sobretudo seu valor e talento militar.

As *Novidades* de segunda feira, traziam no lugar do artigo de fundo um trecho da historia de Portugal em publicação, devido á penna do sr. Barbosa Colen, que exalta o valor do grande militar e as altas qualidades do seu espirito de patriota. E' digno de ler-se e para elle enviamos os leitores desejosos de convencer-se que para os heroes portuguezes nem só na historia da India se encontram exemplos de extraordinaria bravura, lealdade e honra.

Com assumptos mais mesquinhos temos agora de nos entreter, o que dizer não é que trataremos de boatos politicos, que, mal batem as azas, logo estão mortos. Foi o que succedeu ha pouco com a noticia da sahida do sr. ministro da guerra.

Por este calor, que principiou um pouco tarde, mas afinal principiou, nem sequer as atoardas teem vigor para elevar-se dois palmos acima do chão. A este calor nada resiste a não serem os desgraçados professores do Lyceu interrogando os alumnos e estes ainda mais desgraçados, suando a bom suor, dia e noite, de cotovellos fincados na mesa, punhos cerrados a arrepanhar-lhes as faces, olhos já semi-doidos olhando para o Horacio, para a grammatica de allemão, para a tabua de logarinhos, como se letras latinas e gothicas e columnas cerradas de numeros se transformassem em espectros.

Que mão tempo é este para os rapazes e sobretudo para os paes! Um mez de intervallo entre o exame escripto e o oral cabem n'elle seiscentas lesões de coração.

Felizmente d'aqui a um mez estará tudo em ferias, professores, alumnos e os proprios paes que sempre terão o bom gosto de, pelo menos por um dia, ir passear, tomar um pouco de ar do campo, limpar os pulmões e pôr por uma vez em fuga um pesadêlo pesado como chumbo.

E então que felicidade, ver o sol a erguer-se, as arvores alongando as sombras, ouvir os passarites logo de manhã a cantarem, e, de noite, as fontes a correrem, e tudo aquillo sem saber latin, nem arithmetica, nem philosophia, nem rethorica!

O homem não vive só de pão, muito menos vive de sustos. Vá! um bocadinho de coração á larga! As horas más já lá vão e outubro ainda vem longe! Rapazes e velhotes, é aproveitar! Um dia de folga alegre cabe sempre no orçamento.

Este é que precisa ser apuradamente feito. Para aquelles que desdenhosamente olhem para uma conta de tostões o problema está na escolha. Villas em montanhas, villas á beira dos rios, villas á beira-mar, todas lhe offerecem a maçã.

A animação vai começar e nem todos poderão andar n'uma contradaça, de norte a sul, do alto da serra para as areias do mar.

Lá ao norte tocam as cornetas do reclamo os hospedeiros do Minho e Doiro, gabando as aguas das suas nascentes, as commodidades grandes dos seus hoteis. E' o Gerez, é Vizella, é Entre-os-rios, é Caldellas a atrahirem os doentes; e tão alto como as cornetas tocam os pianos nos casinos. Bailes, festas, pic-nics, representações de curiosos, é assim que se mata o tempo e, juntamente com elle, a doença.

As machinas dos comboios apitam e os que voltam trazem saudades da paizagem minhota, das alegres romarias a que assistiram, com lindas raparigas que ainda teem o bom gosto de vestir os antigos trajes. Quanta vez o Zé-pereira bateria o compasso a paixões nascentes!

Outros ficam-se por aqui mais perto nas grandes sombras de Cintra ou distrahindo-se das dôres rheumaticas sob as frondosas arvores na Copa das Caldas da Rainha.

Quem está em Cintra é como se estivesse em Lisboa; para quem tem de ser maçado não serve. As Caldas já dão maior socego; reune-se mais intimamente a gente; dança-se á noite; uns amores princi-

piados vão mais facilmente até o quinto acto do casamento.

Os que nem com a villegiatura melhorarem, ahi teem agora a clinica Charcot, com suas salas de raios X, duches e banhos electricos e massagens.

Entretanto as praias do Tejo vão-se preparando. Desde Pedreiroços até Cascaes já vai a estas horas uma azafama; limpam-se, arranjam-se as casas. Em agosto já a linha ferrea se anima, e os carros electricos correm pelas ruas, cheios á cunha. Mulheres bonitas, muito fresquinhas sob os seus chapéus de verão, passam n'um relance, que nem nos deixam ver os olhos, nem actuam com seus encantos sobre os corações com escriptos.

Ha apenas uns desgraçados: são os que, no meio de tanta pressa, ficam debaixo dos comboios e dos electricos. Emfim, nem tudo podem ser rosas.

João da Camara.

## Monumento ao marechal Duque de Saldanha

«A defeza da integridade e autonomia do reino na guerra peninsular, as batalhas de Montevideo e as campanhas do exercito libertador são para elle gloria e fama impereciveis e para nós outros tantos titulos, que obrigam o nosso respeito, admiração e reconhecimento.»

Do discurso lido por El-Rei no acto de lançamento da pedra fundamental do monumento.

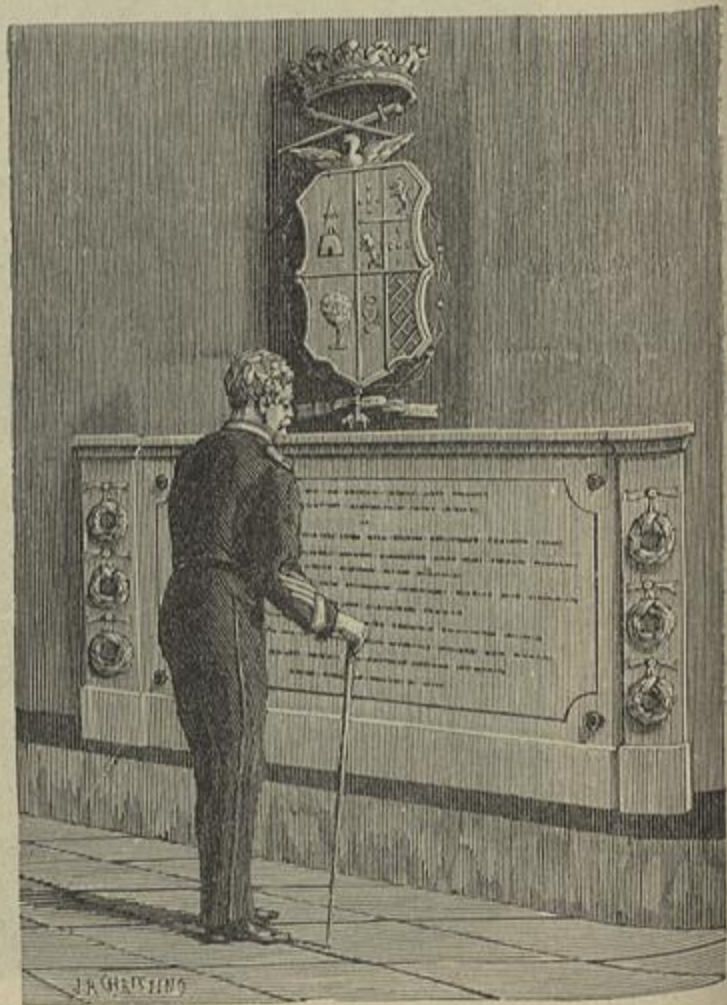
A lei de 12 de agosto de 1889 estatuiu fosse ereto um monumento ao insigne soldado portuguez «para recordar aos vindouros os seus relevantes serviços á patria e á liberdade.»

Ocorreu no dia 5 do corrente a cerimonia complementar da primeira parte da execução da citada lei, a qual, terá inteiro cumprimento quando realizados os trabalhos de arte que faltam ainda, tiver logar emfim a respetiva inauguração solene.

O escultor, sr. Tomaz Costa ligou o seu nome a esta homenagem, como autôr, sendo seu representante o arquiteto sr. Ventura Terra, visto aquêlle achar-se em Paris.

Revestiu toda a imponencia que lhe era devida o acto do dia 5, tomando parte nêlo o Chefe do Estado, o ministerio, o bisneto do illustre cabo de

1 O projecto d'este monumento foi publicado em o n.º 822 pag. 236 do XXIV vol. do OCCIDENTE.



JAZIGO DO MARECHAL DUQUE DE SALDANHA EM S. VICENTE DE FÓRA

guerra, D. João Carlos de Saldanha Oliveira Daun e diferentes individualidades de categoria superior, quer no mundo official quer na sociedade propriamente dita, além do grande publico mais ou menos anonimo que afflue sempre em taes occasiões.

Pode com justiça verberar-se a idéa traduzida na lei de 12 de agosto de 1889, mencionada na inscrição da lapide comemorativa da colocação da pedra fundamental?

A nota que, em seguida, vou transcrever da obra *O Pelourinho*, por Antonio Claro, assenta em solidas bases de conceito? «Uma obra corre hoje ahí no publico, relativa ao duque de Saldanha, escripta por um seu enteado, a qual só temos na conta de um tecido enredador e laudatorio, destinado a fazer acreditar o que nos parece não ter por si a verdade, empregando asserções conducentes ao fim que se tinha em vista, omitindo-se de proposito muito do que é sabido e corrente no mesmo publico, por ser bem pouco honroso ao personagem que uns têm tido por um grande heroe, enquanto outros o tiveram como um verdadeiro flagello para a sua patria, podendo-se-lhe com razão ter applicado em vida o *quosque tandem, Cotilina, abuteris patientia nostra?*»

A' lealdade de meu caratér não se ajusta o calar impressões intimas em relação a juizo alheio e a factos consumados: portanto, confesso estar convencido de alguma parte da conclusão analitica encerrada nas linhas precedentes.

Entretanto, soluções de continuidade existem que não empanam o brilho adquirido nem deprimem as linhas de alto relevo já consagradas no livro da Historia em registo de vultos inconfundiveis: o Sol não deixa de ser o Sol, astro vivificante que nos deslumbra e alegra, pela circunstancia de se lhe observarem manchas.

No ultimo capitulo da *Historia do Marechal Saldanha*, por D. Antonio da Costa, tomo primeiro e unico publicado, encontra-se o trecho seguinte relativo á sua obra militar: «Em quatro periodos se dividiu aquella obra. Na guerra peninsular vimos o joven official, instruido e audacioso, defender pela maneira que admirou a nacionaes e a estrangeiros a independencia da patria. Logo em seguida, alistando-se voluntariamente na expedição que ha de ir á America vingar os ultrages feitos á mesma patria, vémol-o, já commangas feitos durante seis annos, de dia a dia, de baixo de fogo, e vencer tanto, quanto pejejou, ajudando a conquistar mais uma provincia para a nossa nacionalidade. Depois, na gigantea lucta da liberdade, vémol-o, general, fazer inaugurar com a sua espada em 1826 o regimen da Carta outorgada pelo successor de D. João 6.º, e salvar de 1833 para 1834, pela maneira a que assistimos, o mesmo codigo fundamental das liberdades portuguezas e a dynastia que representava o Portugal novo. A final, no periodo das luctas civis para a execução das liberdades consignadas, vémol-o produzir (segundo as veredas que lhe dictava a consciencia) aquella segunda epopeia, a epopeia da paz, o Mindello da liberdade pratica, realisação, após quinze annos, do Mindello da liberdade guerreira.

Tirae a espada do Marechal Saldanha da scena portugueza; onde fica a fundação da liberdade pela Carta em 1826? Onde, em 1833 e 1834, a reivindicação d'ella na lucta que a conquistou? Onde, em 1851, a sua traducção em factos, a revolução nas obras, a fonte do progresso na civilisação actual?»

No volume 2.º da *Historia do Cerco do Porto* por Simão José da Luz Soriano, a paginas 568 (fundo) e 569 (principio), lê-se esta passagem: «o credito, que como militar adquirira desde a guerra peninsular, e não menos no seu commando do exercito em Monte Vidéo, e depois disso as suas recentes victorias, durante a guerra civil, por que acabava de passar o paiz, (e que tão bom tactico o apresentaram, quanto frouxo estrategico), davam a este notavel personagem, não só grande prestigio entre os militares, mas até extraordinaria influencia e pêso em todas as classes do povo...»

O sr. Barbosa Colen no fim do livro segundo da primeira parte do seu trabalho intitulado *Entre Duas Revoluções*, a proposito da palavra «morta» applicada a Saldanha em 1849, por occasião da queda do gabinete a que o glorioso general havia presidido, diz assim: «Era aos hombros d'esse morto, que os seus accusadores teriam novamente de entrar no governo da nação, depois d'elle *resurgir* n'uma revolução triumphante! Os ideaes d'elles não vingariam, se esse braço tivesse desfallecido para sempre, — como se obstinavam em proclamar. A victoria não coroaria a sua obra persistente, — se essa espada não con-



ANTONIO BRANDÃO DE MELLO — MOREIRA DE SÁ — BAPTISTA DE SÁ — JOSÉ VICTOR D'OLIVEIRA  
Do grupo do Porto, premiados no Concurso Nacional de Tiro

tinuasse a ter o prestigio que conquistára e que os acontecimentos recentes não tinham esmorecido. Se o marechal tinha de mudar, se se lhe podia mais tarde lançar ao rosto uma nova evolução, — não eram elles, os accusadores de hoje, os que se encarniçavam na injuria, os que teriam direito a recordar-lhe actos do passado, para levantar a ante-muralha que os impedisse de caminhar para o futuro, — o futuro que era a sua victoria!»

Respondendo, agora, á minha primeira pergunta atrás formulada, não hesito em afirmar: não pôde verberar-se a idéa traduzida na lei de 12 de agosto de 1889; é justo erguer uma esttua de bronze ao «marechal do exercito» e «homem distincto» na frase de D. Pedro, dirigida a sua filha a rainha D. Maria II em 23 de setembro de 1833.

João Carlos de Saldanha, filho do morgado de Oliveira, que foi o primeiro conde de Rio Maior e de sua esposa D. Maria Amalia de Carvalho e Daun, nasceu em Lisboa, no palacio da Annuciada, pelas 11 horas do dia 17 de novembro de 1790, sendo batisado na igreja de S. José. A

morte empolgou-o, exercendo o cargo de nosso embaixador na cõrte de Londres, no mez de novembro de 1876, aos 86 annos de idade, jazendo os seus restos no templo de S. Vicente de Fóra, nesta capital, para onde foram trasladados de Inglaterra.

Os motivos que deram causa ao regresso de Saldanha do Brazil honram a sua memoria: refere-se ao aludido regresso J. M. Pereira da Silva, na *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, nestes termos: «O general João Carlos Saldanha, presidente da Junta do Rio Grande do Sul, não quiz, sujeitar-se ás ordens do principe, mandando proceder a eleições da assembleia legislativa de constituinte. Não encontrando apoio nos demais membros do governo, preferiu demittir-se do cargo que occupava, e officiou ao ministerio no Rio de Janeiro, dizendo-lhe que não podia mais servir no Brazil, logo que se proclamava a sua independencia de Portugal. Respondeu-lhe o ministro da guerra, aceitando-lhe a demissão, e ordenando-lhe que partisse quanto antes para Lisboa.»

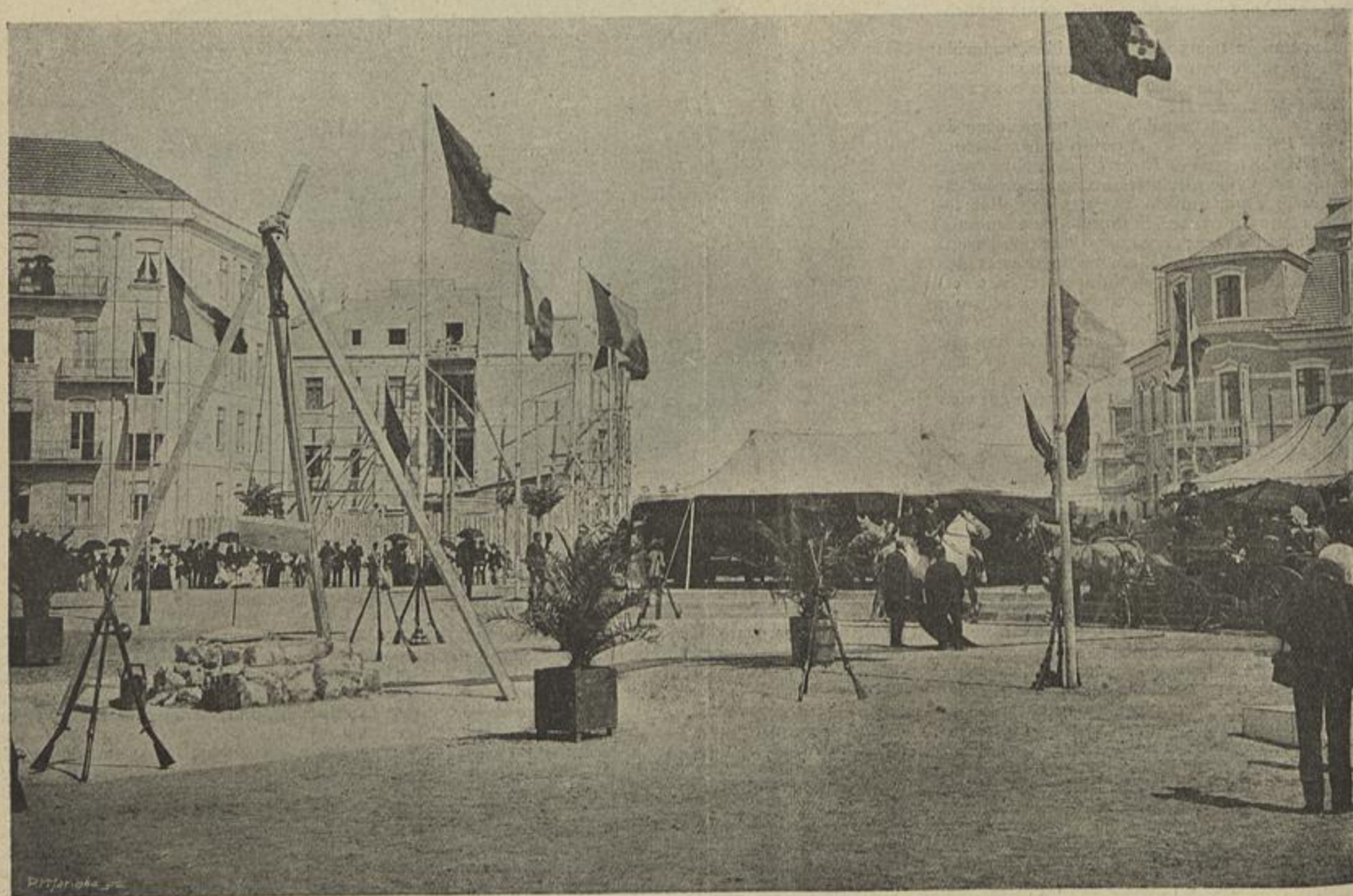
O marechal foi um crente que também profes-



ATIRADORES DE COIMBRA

## CONCURSO NACIONAL DE TIRO

## Monumento ao Marechal Duque de Saldanha



ASPECTO DA PRAÇA «MARECHAL SALDANHA» POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO

(Instantaneo do sr. Benoliel)

sava a religião da patria : êle mesmo o confessou na *Advertencia*, do seu folheto, *A Verdade*, por estas formaes palavras que tenho à vista : «O serviço de Deus e o interesse moral dos meus compatriotas fôrão as causas que me levaram a comprehender o escripto que se segue.»

Ha, porém, uma nota digna de reparo no facto de que estou tratando: como conciliar o monumento ao implantador das liberdades publicas em Portugal, num tempo qual o hodierno, em que taes liberdades publicas são apenas meras figuras de retórica em discursos de armar ao effeito, por gente que não tributa o minimo respeito aos direitos mais legitimos e indiscutíveis?

Eis, seguramente, um perfeito contraste comico, provocador da sátira e do maximo acúme de mordacidade critica; mas como não é meu intuito neste momento discutir coisas do presente defrontando-as com o passado, seja-me licito permitir-me tocar a silencio em materia de considerações politicas, talvez descabidas neste logar.

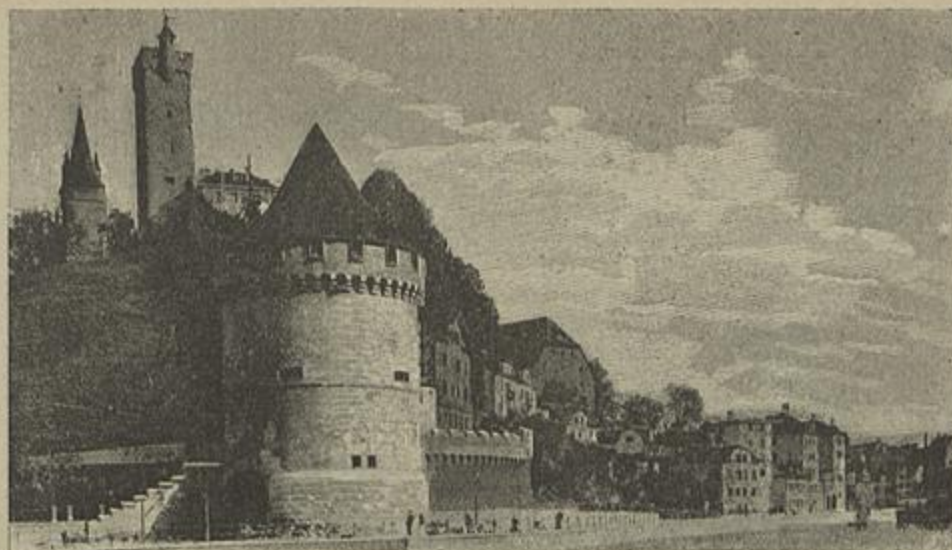
O monumento ao marechal duque de Saldanha, na vasta praça que tem o seu nome perpetuará na posteridade a memoria de um guerreiro que poudo no testamento declarar o seu bastão «ganho com a convicção de o ter merecido no fiel desempenho dos meus deveres de soldado, e ora legado com a grande consolação de não ter a espada que o conquistou conhecido nunca revés que a humilhasse no longo curso das arriscadas campanhas que fiz tanto na Europa como na America, soffrido pezar que a deshonor



BARRACA DE CAMPANHA ONDE FOI ASSIGNADO O AUTO DO LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO  
(Instantaneo do sr. Benoliel)



PADRE SENNA FREITAS



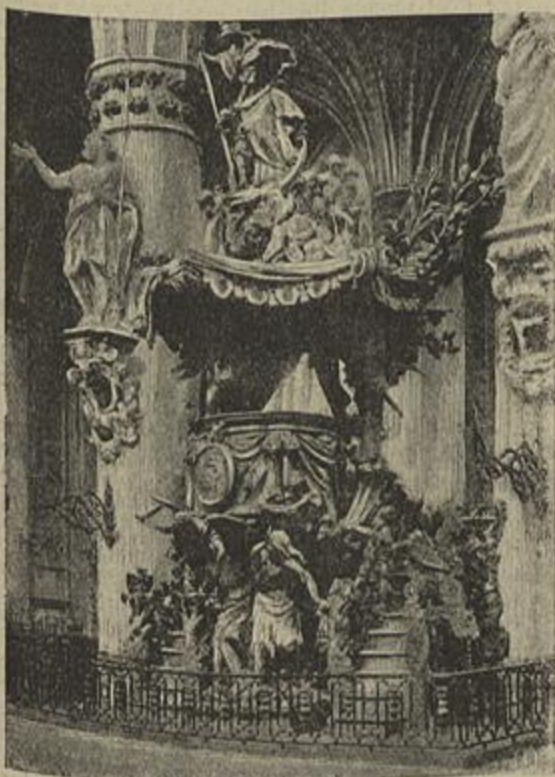
LUCERNA E A SUA TORRE ACASTELLADA



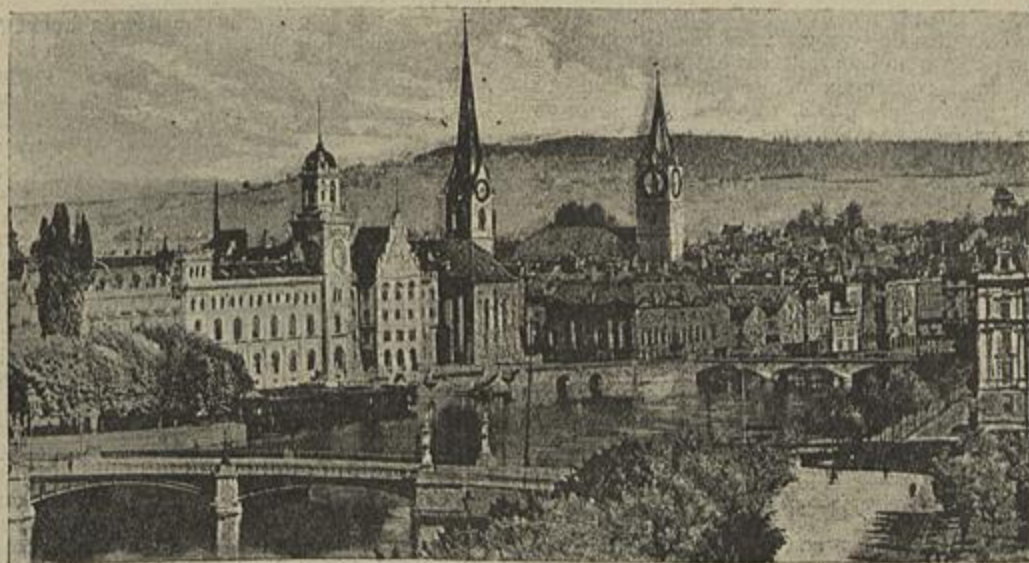
PASSEIO E EGREJA DE S. FRANCISCO XAVIER, EM LUCERNA



TRAJE DA MULHER DO POVO SUISSA



O FAMOSO PULPITO DA EGREJA DE SANTA GUDULA



CAES E PONTE EM ZURICH

POR AGUA E TERRA





Depois de Antonio Vieira os discursos de Alves Mendes são, talvez, aquelles a que a posteridade consagrará maior veneração, por que além de verdadeiros monumentos litterarios primorosos na forma, são elevados na idéa.

Ainda deve estar viva na memoria de muitos a arrebatadora eloquencia com elle, na igreja dos Jeronymos, produziu a notavel oração commemorativa da transladação das cinzas de Herculano para aquelle pantheon.

São por egual notaveis os discursos «Patria» destinado a ser proferido no *Te-Deum* celebrado na Sé Patriarchal por occasião da inauguração do monumento aos Restauradores, e o elogio funebre do grande estadista Fontes Pereira de Mello, nas exequias effectuadas no Porto.

A ultima joia litteraria que lêmos. sahida dos biccos da sua brilhantissima penna, foi essa notavel carta dirigida á «Sociedade Litteraria Almeida Garrett», mostrando o fundo sentimento com que elle, forçado pelo seu estado de saude, não poudé acquiescer ao convite d'esta sociedade para proferir o elogio do immortal reformador do theatro nacional.

A ultima vez que prégou foi em Coimbra no dia 8 de dezembro do anno findo, na festa da Senhora da Conceição.



CONEGO ALVES MENDES

Ao terminar o ultimo dos seus brilhantes sermões despediu-se do numeroso e selecto auditorio que o ouviu, afirmando que não voltaria mais a subir áquella tribuna.

Infelizmente assim foi. Alves Mendes exercia actualmente as funcções de arceidiago da Sé Cathedra do Porto.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Portugal.** — *Diccionario historico, biographico, bibliographico, heraldico, chorographico, numismatico e artistico*, publicado pela empresa d' *O Recreio*. Recebemos o fasciculo n.º 60, com que termina o 1.º volume, sendo a sua collaboração cada vez mais interessante.

*Encyclopediã portugueza illustrada.* — Temos presente o fasciculo n.º 288 d'este diccionario universal, publicado sob a direcção do sr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Este fasciculo comprehende 571 artigos e 11 figuras, destacando-se na sua collaboração entre outros trabalhos o artigo *Kinsman Benjamin* do sr. Affonso Augusto da Costa.

## LOJA DO LOPES

(Socio-gereute que foi dos Armazens de S. Roque)

**Armazem de Fazendas e Modas**  
LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — LISBOA

ARTIGOS DE RETROZEIRO

**MODAS E ATELIER DE MODISTA**  
espartilhos barba direita, Modelo EVA HUMBERT

Fazem-se tambem de encómenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

**Henrique Bastos** — Cirurgião dos hospitaes

**DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO**

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS | Senhoras — ás 10 horas da manhã  
Homens — ás 3 . da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

## BANCO LISBOA & AÇORES

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Dividendo do 1.º semestre de 1904 2 1/2 %

Paga-se todos os dias, desde um de julho proximo na razão de 2\$500 réis por acção, livre do imposto de rendimento.

Lisboa, 30 de junho de 1904.

Pelo Banco Lisboa & Açores

J. Freitas — DIRECTOR.

E. C. Mendonça — GERENTE.

**PASTOR, GOUVEIA & C.ª**

Agencia geral no Brazil do

## Correio da Europa

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

161, Rua dos Ourives — RIO DE JANEIRO

## ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas  
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

**Gomes Costa**

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e cor-“das def.” nasas,  
clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

## CASA BANCARIA

**José Henriques Totta**

69, 71, Rua do Ouro, 69, 75  
LISBOA

## A Guerra Russo-Japoneza

*Narrativa historica, militar, geographica, anecdotica, humoristica e de costumes, desde o rompimento das hostilidades até o cerco de Porto Arthur*

Esta narrativa escripta com a maior imparcialidade por

**EDUARDO DE NORONHA**

Contem noventa e cinco gravuras, retratos dos homens mais eminentes dos dois paizes, episodios de campanha, e um bello mappa do theatro da guerra.

A primeira publicação que se faz n'este genero

1 grosso volume de 420 paginas. Preço..... 800 réis

Á venda na livraria editora VIUVA TAVARES CARDOSO, 5, Largo de Camões, 6; Livraria Central, rua da Prata, 160, e nas principaes livrarias do paiz.